

CONTAR HISTÓRIA MÍTICAS UMA ATIVIDADE (PER)FORMATIVA

Daniela Cristina Pacheco¹

Resumo:

Este artigo tem por objetivo apresentar o projeto “Contar História míticas: Uma atividade (PER) formativa” que tem por essência incluir a atividade de contar histórias míticas dentro da sala de aula, como forma de ensinar, dinamizar os conteúdos da disciplina de história promovendo assim, a interação de professor-alunos na produção do conhecimento histórico. Assim, por meio do deste trabalho pretendemos refletir sobre metodologia de inclusão das narrativas oralizadas no ensino de História.

Palavras chaves: Mito, performance, Contação de histórias e ensino de História

Introdução:

“Da Grécia veio esta historia, atenção, leitor ela vai te alegrar” (livro I), assim Lucio Apuleio inicia seu romance *metamorfoses*, que conta a história de um jovem rico que viaja para a província afro-romana Tessália. Lá, instigado por sua curiosidade, adentra o mundo da magia, mas pela má utilização da mesma torna-se um asno e passa a viver assim aventuras em busca de sua redenção.

Esta historia mítica é permeada por alegorias que a enriquecem, como o fantástico, o grotesco e o absurdo, e em sua ludicidade nos leva à compreensão da sociedade provincial afro-romana do século II, bem como suas funcionalidades, anseios, imaginário, religiosidade, identidade e concepção de mundo. Percebemos então que os mitos nos possibilitam analisar elementos sócio-culturais de um grupo de indivíduos e suas construções simbólicas. Por meio dessa reflexão desenvolvemos uma pesquisa que tem como objetivo permitir a professores e alunos vivenciarem as emoções que os mitos propiciam por meio da *performance cênica*, a qual enfocaremos neste trabalho de contar histórias míticas.

Este trabalho vincula-se diretamente com o projeto “*Mito e performance: a interfaces na formação do professor de História*” da professora doutora em História Heloisa

¹ Graduanda em história e bolsista PROLICEN pela Universidade Federal de Goiás.
danielacristinapacheco@gmail.com

Capel² que o corroborou por meio de pesquisa em mitologia performance e vivência em sala de aula em seu curso *Mito e Teatro como prática Educativa*³. Através dessa pesquisa, CAPEL percebeu que:

[...] as funções do mito, a atividade teatral, a performance cênica e o teatro contribui para a compreensão da arte e da história como meios de interpretação simbólica do mundo. O aluno-professor-ator mobiliza sua linguagem e sua sensibilidade, socializa-se. A vivência teatral do mito, por sua vez reúne elementos de aprofundamento dos temas, dinamiza o processo da compreensão dos conteúdos míticos e sua apropriação em diversos períodos históricos (2009, p.23).

Contar histórias faz parte da vivência humana, pois muito do que aprendemos desde criança é transmitido a nós por meio da oralidade. Mas o trato que damos ao ato de contar História no projeto desenvolvimento está mais ligado à questão da *performance*, já que procuramos desenvolver e aprender técnicas que fazem dela uma atividade formativa, pois por meio da *narração oral*⁴ o gesto se liga à palavra, re-significando o texto, dando um contorno pessoal de interpretação, ou seja, segundo as experiências dos indivíduo que as contam. Desta forma, então, constrói imagens, expressando sentimentos e estabelecendo relações obra-leitor e contador-ouvinte. Este exercício é desenvolvido pelo professor, pois ao transpor o conteúdo para os alunos ele se utiliza da retórica, dinâmica que muitas vezes se reflete em forma expressiva em seu corpo, mesmo que de forma inconsciente. Portanto não delimitarei apenas uma história mítica visto que nossa preocupação se liga na atuação do professor em sala de aula e observando como atividade de contação de histórias mítica pode ser utilizada como forma de compreensão do aluno ao conteúdo ministrado pelo professor, não importando a delimitação temporal já que os mitos se inserem em qualquer cultura e etnia.

Propomos-nos narrar os mitos, pois na concepção narrativista, o ato de contar histórias, é uma forma coerente de comunicação, pois trata da identidade histórica tanto do comunicador como do receptor, uma vez que a narrativas são produtos da mente humana, por meio das quais os indivíduos se orientam no tempo e espaço de forma aceitável para eles próprios (RÜSEN, J. 1993). Assim percebemos que narrar histórias na aula de história é uma forma de interpretar e compreender o passado, em relevância a importância das narrativas para história que buscamos a possibilidade que incluí-las em sala de aula por meio da *performance* de contação de histórias.

² Professora da Universidade Federal de Goiás.

³ Disciplina que fez parte do currículo do curso de historia da pontificia Universidade Católica de Goiás, nos anos de 2004-2009.

⁴ Idéia que é assumida pelo grupo Gwaya de contadores de história.

Justificativa:

A temática esta em desenvolvimento como projeto de PROLICEN e proposta de Pesquisa no Estágio supervisionado da licenciatura em história da UFG que tem por objetivo mostrar que a pesquisa faz parte da prática docente. Tal proposta possibilitou a nós estagiários, levar nossas pesquisas para a escola campo IFG (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás) e LHEIS (laboratório em ensino de História), onde buscamos transmitir os conhecimentos desenvolvidos e produzidos na academia, além de se fazer uma reflexão sobre a prática docente e a cognição Histórica, área pesquisada e desenvolvida por professores-pesquisadores ligados à área da didática da História.

Mediante essa escolha buscamos dentro da prática docente trabalhar com a *performance* de contação de histórias míticas como eixo investigativo do meu estágio.

Por que a escolha de contar histórias?

Arte de contação de historias é milenar, já que as sociedades primitivas já utilizavam como recurso de transmissão de conhecimentos, costumes, crenças, e valores morais e éticos. O que faz desta forma da atividade de contar histórias um recurso histórico e social, já que é uma atividade inerente ao homem, o que nos permite a perceber que a atividade performática da contação de história mítica pode contribuir com o professor em sua atuação, pois esta atividade com sua ludicidade e jogo cênico dinamiza o conteúdo da disciplina de história, possibilitando assim, a uma melhor compreensão e assimilação do conteúdo levando os alunos a aprendizagem de conceitos, problemas e conteúdos referentes a história em uma outra possibilidade didática.

Objetivos:

Por meio da *performance* cênica pretendemos divulgar os mitos e os textos de cunho mitológico, mostrando assim como essas narrativas possibilitam ao indivíduo (aluno) entender a vivência social, cultural e política dos que os cunharam.

Pretende-se por meio do uso da literatura mítica oralizada contribuir com as mudanças no pensamento dos alunos sobre o conceito de literatura (ficção) como ilusão e a possibilidades de seu uso como fonte histórica. Além de investigar a atividade performática da contação das histórias míticas como meio de Formação.

Nosso anseio primordial é fazer a transposição didática das pesquisas que já desenvolvemos academicamente para os alunos das escolas-campo e apresentar aos alunos da graduação em história por meio das oficinas realizadas no LEHIS, que atividade performance cênica de contar história mítica, como sua simbologia e ludicidade da a possibilita de analisar elementos sócio- histórico das culturas, além de promover a interação entre alunos e professores na produção do conhecimento histórico.

Metodologia:

“A literatura tem uma função humanizadora, isto é, sobre a capacidade que ela tem de confirmar a humanidade do homem” (CANDIDO, 1999).

Partindo dessa perspectiva, buscamos leituras que trabalhem com obras literárias de cunho mítico. Assim, não delimitamos as obras míticas nem sua temporalidade já que a mitologia é presente na vida humana independente de sua etnia, e religião, pois como bem explicita Mircea Eliade, “o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares” (1993, p.11).

Como forma de compreensão e *performance* das narrativas míticas trabalhamos e analisamos ainda, os gêneros narrativos míticos e a sua verbalização a partir dos estudos do teórico da literatura Mikhail Bakhtin. Segundo o autor, a comunicação oral, fundamental na contação de histórias, é formada por enunciados que refletem a fusão de três elementos indissolúveis conteúdo temático, estilo e construção composicional estes elementos denotam uma especificidade na comunicação. Sendo estes gêneros discursivos divididos em dois: o primário, que circunscreve na instância do mundo real, ou seja, o locutor (falante) utiliza deste gênero como fonte de transformação adaptando-o no momento de sua realização; e o secundário, que se relaciona com a “literacidade da dialogação” para completar o ato da comunicação. Para BAKHTIN:

O enunciado está repleto de ecos e lembranças de outros enunciados, os quais estão vinculados no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. Assim, (...) deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (...) refuta-se, confirma-se, completa-se, baseiam se neles, supõe desconhecidos e de um pensamento (...) nasce e forma-se em intervenção e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do mesmo pensamento (1992, p. 316).

Todo enunciado se desenrola como se fosse presenciado por um terceiro invisível, dotado de compreensão responsiva que se situa acima de todos os participantes do diálogo (ibid, p.316).

Percebendo então que a relação obra - leitor e contador - ouvinte proporciona uma *re-interpretação das narrativas*⁵ e do passado que por meio delas nos é apresentado. Essa re-significação, tendo por base a Hermenêutica Gardameriana, promove a *fusão de horizontes*, pois enquanto assimilo e integro em meu mundo de compreensão os conteúdos de sentido que me são ditos, “os conteúdos entram em meu horizonte de compreensão que assim, enriquece e amplia”⁶ havendo assim a interação entre presente e passado, o que promove um jogo dinâmico⁷. Considerar a re-significação do texto literário mítico em sua oralidade, bem como avaliar o jogo da compreensão na contação de histórias míticas, são elementos de interesse da pesquisa desempenhada.

Buscamos também, observar o processo de ensino de história por meio da *razão histórica* de Rüsen⁸, autor que promove a discussões sobre o fenômeno da *consciência histórica* Que busca a compreender como fator de orientação temporal e de subjetividade humana em seu sofrer, vivencias e Experiências cooperam na gestão da contingência dos indivíduos.

Nossa investigação tendo como preocupação a atuação do professor em sala de aula e a aplicação da *performance* cênica, utilizou-se de bibliografia sobre teatro, *performance* cênica e contação de Historias para compreender essa parte técnica que se insere em nossa investigação sobre o professor e sua *performance* cênica em sala de aula . Trabalhamos e trabalharemos com textos míticos que não delimitamos, pois pretendemos utilizá-los conforme o conteúdo ministrado pelo professor, em sala de aula. Em nossas primeiras experiências em sala de aula utilizamos as histórias de cunho mítico “As troianas” de Sêneca e *Metamorfoses* o asno de ouro de Lucio Apuleio, autores do período clássico dos séculos I e

⁵ Essa classificação foi apresentada por Celso Silto em uma oficina do I encontro INTERNACIONAL DE Contadores em São Paulo .1999

⁶ H.G.GADAMER, Teoria e método apud Coreth p. 119.

⁷ Compreende-se aqui a noção de como trabalhada por GADAMER, Hans-Georg em seu livro Verdade e Método. Para o autor, o processo de conhecimento produz um estranhamento necessário ao jogo do compreender, um jogo interpretativo em que ocorre um diálogo consigo mesmo (no reconhecimento de conceitos e pré-conceitos de transição) e com o objetivo de conhecimento que interpreta. E deste jogo e de sua dinâmica que ocorre o processo de interpretar e aprender. (Apud CAPEL. 2009, p.8).

⁸ RÜSEN, Jörn. Razão histórica: teoria da história, fundamentos da ciência histórica, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001

II, pois são referentes à linha de pesquisa do estágio “Ensino de história e mitologia” além de serem textos compatíveis com o conteúdo que se insere as turmas 1º ano que acompanhamos no estágio, que recepcionaram bem a proposta. E na oficina desenvolvida pela Professora e orientadora deste projeto Dr. Heloisa Selma Capel no LHEIS e no núcleo livre “História cultural da Arte”. Na oficina trabalhamos sobre a temática “Mito e teatro no ensino de História” no qual utilizamos as obras míticas Pandora e Odisséia, levando os participante das officia perceberem as possibilidades da utilização dos mitos em sala de aula e atuação do professor mediante atuação performativa em relação à percepção de seu corpo em sala de aula. No núcleo livre o desenvolvimento do trabalho deu se também em apresentação do mito Eros Psique presente na obra *Metamorfoses*.

As reflexões do projeto terão continuidade nas futuras intervenções que serão promovidas na escola campo do estágio supervisionado obrigatório e em outra oficina proposta para LHEIS. Assim, demonstrando que por meio da *performance cênica*, a de contar a história mítica, promove-se a interação entre alunos e professores na produção de conhecimento histórico levando assim os indivíduos implicados a aprendizagem. E mediante a ludicidade e da simbologia dessas narrativas, elas nos possibilitam a análise dos elementos sócio-históricos das culturas. A coleta de dados para esta análise realiza-se, ainda, por meio de entrevistas com professores e alunos integrantes das vivências com o mito e as performances.

Discussão teórica:

No nosso estudo, nos remetemos às discussões sobre mito, narrativas históricas, *performance cênica*, e oralidade para compreendermos a contação de historias míticas como metodologia e recurso didático no ensino de história. Visando essas abordagens, trabalharemos com os autores Mircea Eliade, Heloísa Capel (orientadora do projeto PROLICEN e do estágio supervisionado) e Mikhail Bakhtin.

Por que trabalhar com contação de mitos? O homem por si é um contador de histórias, pois sua compreensão de si, do mundo e da realidade é construída por atitudes verbais, isto é, narrativas, e essas vêm permeadas de simbologia, imaginários e metáforas. Dessa busca por compressão advêm os mitos, pois, como define Mircea Eliade,

[...] o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares (...). O mito conta

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

uma história sagrada, ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio [...] (ELIADE, p.11.1994).

Os acontecimentos articulados narrativamente são considerados como tendo ocorrido realmente no passado, dessa forma

[...] percebemos então que os mitos podem ser considerados uma narrativa histórica, já que em sumo os mitos descrevem os diversos acontecimentos e algumas vezes dramáticas, inupções sagrado do que realmente fundamenta o mundo e o converte no que ele e hoje (ELIADE, 1993, p.11)

Quanto ao trato que damos aos mitos em suas configurações verbais, podemos recorrer aos estudos do teórico Mikhail Bakhtin, pois para ele

(...) o enunciado sempre tem um destinatário (...) de quem o autor da produção verbal espera e presume uma compreensão responsiva (...). Para esse destinatário o autor do enunciado, de modo mais ou menos consciente, pressupõe um superdestinatário superior, cujo a compreensão responsiva absolutamente exata é pressuposta seja num espaço metafísico, seja num tempo afastado (BAKHTIN; 1992, p. 295).

Para Bakhtin, ao narrarmos uma historia ela virá cheia de impressões do locutor, mesmo que de forma inconsciente, pois o fato de narrar é pessoal, já que o indivíduo em sua atuação fará construções verbais conforme suas particularidade e vivência de mundo.

O ato de contar histórias é uma atividade performática, pois agrega a oralidade das composições em uma atuação teatral, sendo necessária a utilização de elementos como a dinâmica da voz e a gesticulação, fazendo do locutor (professor) ponte dinâmica entre o ouvinte (aluno) na recepção da narrativa. Em nosso caso, a história mítica ou de cunho mítico tem por objetivo promover um jogo dramático na apreensão do conteúdo. Como bem explicita Heloísa Capel:

Através do teatro resgatamos o lúdico, abrimos espaço para a criação para a poesia, promovemos o riso e o encontro. Favorecemos a elaboração de conteúdo, a vivência interna e (re) criação do mito numa elaboração didática (re) vivida e (re) memorada, construído segundo novos parâmetros e necessidades. As artes cênicas, por suas características de trabalho coletivo, possibilitam aos alunos maior possibilidade de socialização, além de garantir o conhecimento histórico da própria dramaturgia, da apreciação estética da obra teatral. (2009, p.26)

Os mitos, as dramatizações e a oralidade estão presentes na vivência humana. Porque não levar esses elementos para a sala, fazendo dela um reduto de conhecimento dinâmico, lúdico e interativo? A partir das discussões promovidas por esses autores, pretendeu-se no projeto em desenvolvimento “Narrar histórias míticas: uma atividade (PER) formativa” fazer da proposta um instrumento dinamizador e produtor de conhecimento no ensino de história.

Resultados:

Embora nossa pesquisa esteja em andamento, finalizando no final do ano, é possível elencar alguns resultados alcançados por intermédio de nossas intervenções na escola campo e em atividades desenvolvidas na faculdade de história, no LEHIS.

Com a realização das oficinas educativas no IFG observou-se a possibilidade do uso das narrativas míticas oralizadas no ensino e como essa atividade envolve os alunos na apreensão de conteúdos, mostrando também ao professor outras possibilidades de dinamizar e tornar acessível os conteúdos da história em possibilidades didáticas diferenciadas.

Demonstramos assim a possibilidade de desenvolver metodologias de aula que despertem a curiosidade, o interesse e a participação dos alunos, onde a mitologia e as histórias de cunho mítico como fonte histórica e ponto de partida para a construção de um conhecimento histórico, para isso consideramos que é importante a utilização de narrativas orais destes de forma performática como forma de ensinar e divulgar por meio destes textos, também é importante que o professor se utilize das ferramentas e possibilidades tecnológicas que o cerca e a qual faz parte da vida dos alunos, possibilitando a estes a aprendizagem com imagens, slides, dentre outras formas de execução da atividade de contação de história de deixando os mitos próximo da realidade dos alunos.

Dentro de nossa pesquisa usamos variadas formas para contação de história, como performance em monólogo onde se usa a voz de um personagem, narrar mediante apresentação de imagens e contação de histórias utilizando a estrutura formal do texto, e foi perceptível a aceitação dos alunos e participação e envolvimento dos mesmos.

Tendo por base os resultados coletados da pesquisas pretendemos contribuir com ensino de história tendo por base a literatura e sua transposição oral, sob a perspectiva *performática de contação de histórias míticas* na formação do professor, objeto de estudo deste trabalho.

Assim o projeto em desenvolvimento “Contar Histórias Míticas: uma atividade (Per)formativa. Tem por intuito levar as pesquisas acadêmicas por nós desenvolvidas através do Prolicen-UFG à escola-campo IFG. Mostrando como os discursos acadêmicos podem ser transpostas didaticamente, o que tornará o conteúdo inteligível para alunos e desta forma então promovendo um aumento no interesses na disciplina de história

Como já é observável a investigação da atividade performática de contação de

história mítica ajuda o professor em sua atuação na sala de aula, na transferência do conteúdo auxiliando na interação professor–aluno, sendo assim um veículo facilitador na aprendizagem, além disso, efetuará uma mudança no pensamento dos alunos quanto ao conceito de literatura como ilusão, demonstrando assim ao aluno que por meio das oficinas (ministradas por no estágio) pode-se utilizar a literatura como fonte histórica para a compreensão de uma sociedade, um período, uma etnia, pois as narrativas literárias corroboram por meio de impressões, anseios e experiências vivenciadas pelos indivíduos que os cunharam e são fatores que nos possibilitam acessar o passado.

Demonstramos desta forma que o conteúdo da história pode ser transmitido de forma mais dinâmica por meio de vários recursos didáticos, sendo que enfatizamos neste trabalho literatura mítica oralizada.

Bibliografia:

ALARCÃO, Isabel. A escola reflexiva. In: Alarcão, Isabel (org.). *Escola Reflexiva e Nova Racionalidade*. Porto Alegre, Artmed Editora, 2001.

ALARCÃO, Isabel & TAVARES, José. Paradigmas de formação e investigação no ensino superior para o terceiro milênio. In: Alarcão, Isabel (org.). *Escola Reflexiva e Nova Racionalidade*. Porto Alegre, Artmed Editora, 2001.

APULEIO, Lucio. Asno de Ouro “*Metamorfoses*”. Trad. Ruth Guimarães. Rio de Janeiro: s/d

BACHELARD, Gaston. *A Terra e os Devaneios do Repouso*. São Paulo, Martins Fontes, 1990.

BAKHTIN, Mikal *Estética de Criação Verbal* trad. Maria Ermontina G.G Pereira São Paulo, Martins Fontes, 1992

BARCA, Isabel. Investigação em Educação Histórica: possibilidades e desafios para a aprendizagem histórica. In. SCHMIDT, Maria Auxiliadora & GARCIA, Tânia Maria (orgs). *Perspectivas de Investigação em Educação Histórica*. Atas das Jornadas Internacionais de Educação Histórica, Vol. I. Curitiba, Editora UTFPR, 2007.

BARCA, Isabel; GAGO, Marília. Usos da Narrativa em História. In. MELO, Maria do Céu/ LOPES, José Manuel. *Narrativas Históricas e Ficcionalis*. Recepção e Produção para Professores e Alunos. Actas do Centro de Investigação em Educação. Instituto de Educação e Psicologia. Braga: Universidade do Minho, 2004.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. 9ªed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1993.

BOECHAT, Walter (organizador). *Mitos e Arquétipos do Homem Contemporâneo*.

Petrópolis, Vozes, 1995.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis, Vozes, 1988. Vol. I/II e III.

BRUNEL, Pierre (organizador). *Dicionários de Mitos Literários*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1997.

CANDIDO, Antonio Candido, *Remates de Males*. Campinas, revista de departamento de Teoria Literária, 1999

CAPEL, Heloisa Selma Fernandes. *O Espelho de Atena*. Formação de Professores (Vol I) e Mito e Reflexão (Vol. I / II). Goiânia, Ed. Descubra, 2003.

CAPEL, Heloisa Selma Fernandes. *Mito e Teatro como Linguagens Históricas*. Goiânia, Revista Fragmentos de Cultura, 2005.

CAPEL, Heloisa Selma Fernandes. *Mito e Performance: a interface do professor de história*. Goiânia, Projeto, 2009.

CHARTIER, Émile.(Alain). *Reflexões Sobre a Educação*. São Paulo, Saraiva, 1978.

CORETH , Emerich., *Questões Fundamentais de Hermenêutica* de. Trad. Carlos Lopes de Matos. São Paulo EPU Ed da universidade de São Paulo, 1973

DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo, Martins Fontes, 1997

EGAN, Kieran. *O Uso da Narrativa Como Técnica de Ensino*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1994.

ELIADE, Mircea. *Aspectos do Mito*. Lisboa, Edições 70, 1989.

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mirceia. *Mito e Realidade*. São Paulo, Perspectiva, 1991

FINLEY, M. I. *Os Gregos Antigos*. Lisboa, Edições 70, 1963.

FIORIN, José Luiz..*Elementos de análise do discurso* São Paulo,Contexto, 1992

FRIEDA, Fordham. *Introdução à Psicologia de Jung*. São Paulo, USP, 1978.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método*. 3ª. Ed, Petrópolis, Vozes, 1999.

PIMENTA, S. G. Formação de Professores: Identidades e Saberes da Docência. In, PIMENTA, S. G (org.). *Saberes Pedagógicos e Atividade Docente*. São Paulo, Cortez, 1999.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. Morfologia e História. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991.

GUINSBURG, Jacó. *Semiologia do teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1988. JOSSO,

JUNG, C. G. *O Espírito na Arte e na Ciência*. Petrópolis, Vozes, 1991.

JUNG, C. G. *Símbolos da Transformação*. Petrópolis, Vozes, 1995.

KARNAL, Leandro (org.). *História na Sala de Aula*. Conceitos, Práticas e Propostas. São Paulo, Contexto, 2004.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

NOT, Louis. *As Pedagogias do Conhecimento*. São Paulo, Difel, 1981.

NÓVOA, Antônio (coord.) *Os Professores e sua Formação*. Lisboa, Dom Quixote, 1992.

_____. *Vidas de Professores*. Lisboa, Porto Editora, 2000.

_____. *Educação: entre políticas, retóricas e práticas*. *Revista Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, V.10, n. 60, nov/dez 2004.

PIMENTA, S. G. *Formação de Professores: Identidades e Saberes da Docência*. In, PIMENTA, S. G (org.). *Saberes Pedagógicos e Atividade Docente*. São Paulo, Cortez, 1999.

ROBERT, Fernand. *A Religião Grega*. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

RODRIGUES, Edivania Braz Teixeira & ANTUNES, Silmara Ferreira. *Contação de História: uma Metodologia de incentivo á Leitura*. Goiânia:SEE/GO, 2007

ROHDEN, Cleide Cristina Scarlatelli. *A Camuflagem do Sagrado e o Mundo Moderno. À luz do pensamento de Mircea Eliade*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1998.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica : teoria da história, fundamentos da ciência histórica*, Brasília : Editora Universidade de Brasília,2001

SÊNICA, Lúcio Aneu. *As Troianas /Troades* . Edição Bilíngüe . Trad. Zélia de Almeida Cardoso. São Paulo: Editora Hucitec,1997

STANISLAVSKI, C. *A Construção da Personagem*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983.

TARDIF, M. *Saberes Profissionais dos Professores e Conhecimentos Universitários*. Rio de Janeiro, PUC, 1999.

TERRIEN, J. *Uma Abordagem para o Estudo dos Saberes da Experiência das Práticas Educativas*. In. Anais da 18ª ANPED, 1995.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

TORRANO, Jaa. *Teogonia. A Origem dos Deuses*. São Paulo, Editora Iluminuras, 2001.

_____. *O Sentido de Zeus. O Mito no Mundo e o Modo Mítico de Ser no Mundo*. São Paulo, Editora Iluminuras

VERNANT, Jean-Pierre. *A Morte nos Olhos. Figuração do Outro na Grécia Antiga*.

Ártemis e Gorgó. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo, Brasiliense, 1991.

VEYNE, Paul. *Acreditavam Os Gregos em Seus Mitos?* São Paulo, Brasiliense, 1990.